

LUCTUOSOS AYS
DO PRANTO MAIS ENTERNECIDO
NA SENTIDA MORTE
DA SERENISSIMA SENHORA
D. FRANCISCA
INFANTA DE PORTUGAL,

Expendidos em quatorze Oitavas Rimas, glosando
nellas o celebrado Soneto, que principia,

Com fatal ouzadia, horror tyranno;

O qual vem nos Sentimentos Metricos a folhas
17. numero 23.

AUTORA

THOMASIA CAETANA DE AQUINO.

POR

DONA MARIANNA JOSEFA
RIO-MAIOR,

Religiosa no Mosteiro da Conceição da Cidade
de Beja.



LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA RITA-CASSIANA.

Com todas as licenças necessarias.

Anno M. DCCXXXVI.

Vende-se na mesma Officina, e às Portas de S. Catharina.

DO NOT WRITE IN THESE SPACES

TO THE HONORABLE SECRETARY OF THE
NAVY

WASHINGTON, D. C.

FROM

DOCK

NO. 501

THE SECRETARY OF THE NAVY
WASHINGTON, D. C.



SONETO

DA AUTORA REFERIDA

Com a circumstancia de fallecer a Serenissima Senhora Dona
Francisca em quinze de Julho, dia em que Portugal
festejava o Anjo Custodio do Reino.



SONETO.

*OM fatal ouzadia, horror tyranno
Te mostras hoje, ò Parca rigorosa,
Em roubares a joya mais fermosa,
Que o nosso Portugal gozava usano.
Suprema traça foy, Divino arcano,
Que morresse com guarda portentosa
Quem guardada da terra, mais ditosa
Guarda leva de hum ser melhor que humano.
Esta bella deidade, mais luzida
Brilhando está no Ceo já collocada,
Reinando illustre Infanta em melhor vida.
E como foy de Deos tão dezejada,
Que muito, que de hum Anjo recebida
Subisse para o Ceo tão bem guardada.*

Com fatal ousadia, horror tyranno.

OITAVA I.

EM pranto se desfaça huma Alma amante,
 (Que he justo se desfaça em pranto huma Alma)
 Pois vé, que huma flor bella, e rutilante,
 Haja hum rigor, que a ponha em dura calma;
 Aqui perdeo o alento mais brilhante,
 Quando ao Regio esplendor levava a palma;
 De quem foy o rigor? do fado infano,
Com fatal ousadia, horror tyranno.

Te mostras hoje, ò Parca rigorosa.

OITAVA II.

FOy do fado, e da Parca ousada lida,
 Conspirando tirar a Magestade
 A esta flor, e por flor a mais luzida,
 Adorada de Venus por deidade;
 Já no Regio esplendor esclarecida
 Parecia do Ceo por divindade:
 Porque contra huma flor, flor taõ fermosa,
Te mostras hoje, ò Parca rigorosa?

Em roubares a joya mais fermosa.

OITAVA III.

AY, que pena! ay, que dor! ay, que lamento!
 Diz hum peito em mil ancias naufragante,
 Já sentindo, e ao sentir perdendo o alento,
 Naõ deixando o sentido por amante:
 Com rigor, tyrannia, atrevimento
 Com este peito, que Erario era flammante,
 Foste Parca cruel, foste ambiciosa,
Em roubares a joya mais fermosa.

Que

Que o nosso Portugal gozava ufano.

OITAVA IV.

MAs ay, que a dôr no pranto successivo,
Sempre ha de acompanhar taõ dura pena,
Que he justo, que acompanhe o excessivo
De huma dor a outra dor, que o amor ordena:
Seja já muito embora, e sempre activo
Este pezar em mim, não mude a scena;
Sempre sinta de hum bem roubo tyranno,
Que o nosso Portugal gozava ufano.

Suprema traça foy, Divino Arcano.

OITAVA V.

ESte o teu rigor, ó Parca dura,
Contra a soberania exaltada
Neste bem, que entre toda a fermosura
Das flores, era a flor mais engraçada:
Aos corações prendia com ternura,
Destta flor a belleza sublimada;
E o trocar o caduco em soberano,
Suprema traça foy, Divino arcano!

Que morresse com guarda portentosa.

OITAVA VI.

SUba, e passe a ser astro luminoso,
Quem já cá, por ser flor, astro já era
Sublimado em luzir mais grandioso,
Do que brilhava o Sol na tua esfera:
E se he flor, e se he astro portentoso,
No Ceo seja astro, e flor da Primavera;
E he assombro de hum astro, e flor ayrosa,
Que morresse com guarda portentosa?

Quem guardada da terra mais ditosa.

O I T A V A VII.

Pois morreo? aqui o pranto mais se augmente,
 Entre os ays, e os suspiros do meu pranto,
 Pois se esta flor morreo, e astro luzente,
 Não ha mais que sentir, não cause espanto:
 Pague assim huma fineza, que he excellente,
 Com outra, que toda he do amor encanto;
 E para o Ceo já suba venturosa,
 (*Quem guardada da terra*) mais ditosa.

Guarda leva de hum ser melhor, que humano.

O I T A V A VIII.

POr divina belleza venerada,
 Sempre foy, e será esta belleza,
 Gozando sempre os timbres de exaltada,
 Em o templo do amor, e da fineza:
 Augustissimamente respeitada,
 Ainda se está fazendo da grandeza;
 Se se ausenta, que tem, fado tyranno?
Guarda leva de hum ser melhor, que humano.

Esta bella deidade mais luzida.

O I T A V A IX.

Não reprima os suspiros, quem bem ama,
 Sempre com mil suspiros magoados,
 Sinta ausencias de hum bem em quem se inflamma,
 E se inflammava amor nos seus agrados:
 Belleza superior o amor a acclama,
 Entre os ays, e os suspiros, e os cuidados;
 Para onde já se ausenta esclarecida,
Esta bella deidade mais luzida?

Brilhando está no Ceo já collocada.

O I T A V A X.

P Ara o Ceo ferà a ausencia proprio assento,
De ti, deidade rara, e peregrina,
E para o Ceo ferá novo portento,
Vendo nelle belleza taõ divina:
Com amante, e profundo acatamento,
A respeitaõ os astros por mais digna
Luz do Sol, e em seu folio sublimada
Brilhando está no Ceo já collocada.

Reynando illustre Infanta em melhor vida.

O I T A V A XI.

J A sey no Ceo estais, astro brilhante,
Dando já à esfera quarta luz mais pura,
Pois ao Sol excedeis na luz radiante,
Como à Aurora, e ao Sol em fermosura:
Mas sempre sentirey, preexcelã Infante,
Desta ausencia o rigor, pois he ternura;
Ainda que sey, que estais no Ceo luzida
Reynando illustre Infanta em melhor vida.

E como foy de Deos taõ dezejada.

O I T A V A XII.

V Enturosa subiste engrandecida,
Collocada já là no firmamento,
Por Sol, Aurora, e Estrella esclarecida,
E a melhor que se vé no ethereo assento:
Isto o prova a razaõ mais entendida,
E diz, ao mesmo passo o entendimento:
Tudo goza huma Infanta sublimada,
E como foy de Deos taõ dezejada?

Que muito, que de hum Anjo recebida.

O I T A V A XIII.

D As delicias celestes a tua Alma,
 No Ceo estará gozando felizmente,
 E gozando-as já está em doce calma,
 E gozará na gloria eternamente:
 De Deos será esposa, e vede a palma,
 Que Deos na mão lhe dá Omnipotente;
 E se esposa he de Deos já tão querida,
Que muito, que de hum Anjo recebida?

Subisse para o Ceo tão bem guardada.

O I T A V A XIV.

N A terra foy o affombro da belleza,
 Naõ havendo já na terra fermosura;
 Que igualasse com a sua na grandeza,
 Pois a si só igualava na ventura:
 Duplicavaõ-lhe os cultos da fineza,
 Que por deidade tinha, e por luz pura;
 Pois que muito, que assim tão sublimada
Subisse para o Ceo tão bem guardada?

F I M.



SONE-